

RICARDO GOLDENBERG

YO NO CREO EN BRUJAS

Reunião Lacanoamericana De
Psicanálise De Porto Alegre
Agosto 1993

Embora a *divisão do sujeito* seja um dado de estrutura que vale para todos, não é sempre que alguém admite para si esta condição. Leia-se *O visconde partido ao meio*, de Ítalo Calvino, para se ter uma idéia do que poderia ser não consentir à própria divisão. Todavia, sempre que nos referimos a um *ato* estaremos supondo também que o agente é alguém a quem sua divisão subjetiva não repugna. Quanto ao dispositivo da psicanálise, digamos que implica a dimensão do ato apenas quando é bem sucedido na sua tentativa de pôr em jogo a divisão subjetiva do analisante. Isso não acontece em todos os casos.

O que uma psicanálise questiona necessariamente na menor das nossas decisões é o conhecimento da causa e a coerência dos fins que animam esta ação. Embora a divisão que ali pode revelar-se seja incontornável, podemos chegar a estar advertidos sobre sua existência e sobre o objeto que a causa. Apenas neste sentido podemos afirmar que abandonamos nosso comum e compartilhado delírio de autonomia, fina flor de qualquer laço social. Na prática, isso quer dizer que algo escapa e escapará sempre a qualquer cálculo que eu venha a fazer dos fins e dos motivos dos meus atos.

O que isso *não* quer dizer é que não se possa agir. Antes pelo contrário, a *inibição* é provocada pela avaliação e o exame indefinidos das condições apropriadas para o ato programado. Concluir é efetuar uma possibilidade, fazer com que o possível o seja de fato. Segundo M.C. Boons, a diferença com a passagem ao ato é que nesta última nem se cogita o problema da possibilidade de uma ação que se executa automaticamente e que é antes da ordem do necessário que do possível.

Não existe ato padrão. Para haver um ato precisa estar envolvida a singularidade do agente. Por isso a psicanálise não se reduz a seu saber, porque ela se consoma no ato que implica a divisão do sujeito. O que a experiência analítica ensina (ensino que tem menos a ver com a sua doutrina que com a verdade que seu dispositivo, em algumas ocasiões, torna possível pela via transferencial) quanto a nossos atos em geral é que ao agir exercitamos não apenas um conhecimento como um não-sabido e que nossa ação se esclarece apenas pelas suas conseqüências, isto é, *Nachträglich*.

*

Existe, portanto -e chego assim ao assunto que pretendia discutir com vocês-, uma dimensão de *crença* embutida em nossas ações, inclusive nas mais simples. Por exemplo, o fato de eu esperar que a luz se faça quando mexo num interruptor ao entrar num quarto, é verdadeiramente um ato de fé. Minha surpresa quando deixa de acontecer é a prova disso. Momento em que quase poder-se-ia dizer: *Senhor Eletropaulo, por que me abandonaste?* Lembro de uma vez que me ofereci para acompanhar um francês que nos visitava em Bs.As. a telefonar da rua. Ele imaginou que não valia a pena eu me incomodar por uma operação de cinco minutos. "Isso é o que ele crê", pensei. Voltou molhado (chovia) e estupefato, quarenta e cinco minutos depois, sem ter podido telefonar. Uma vez ouvi dizer a Sibony que os telefones argentinos estavam no real. Para lidar com eles, com efeito, era necessária ajuda. Assistência como a que os oráculos prestavam aos gregos para eles lidarem com a palavra

divina. Bom, em todo caso, agir é sempre acreditar ali onde o saber sobre as condições me escapa. Agir é sempre um salto no desconhecido, no escuro, e portanto, torna-se imprescindível poder confiar ali. Acho que não preciso lembrar a estória do pai que abre os braços para seu filho pular do muro...

Existem, contudo, pessoas convictas de que nada lhes escapa. Elas se conduzem na vida com uma *incredença* que os religiosos consideram uma forma da soberba. Falta de fé condenável como pecado capital. A palavra alemã para designar este estado é *Unglauben*. Freud remetia esta certeza à paranóia. Só que nela a incredulidade é primária, isto é, uma recusa radical do primeiro ato de fé correlativo da *Bejahung*, condição de possibilidade, por sua vez, de qualquer representação. Sem esta operação separadora do real e do simbólico, o sujeito nunca poderia alojar-se na estrutura simbólica.

A ciência, como a paranóia, sutura o sujeito a si mesmo. Instaura esta incredença radical cuja correlato fenomênico, no caso da paranóia, é a certeza delirante. Todavia, podemos constatar também uma versão neurótica deste *Unglauben*. Quando existe sempre alguma entidade encarregada da metade do sujeito de que eu não poderia dar conta (e da que, em última instância depende meu ato enquanto tal), nesse caso, não seria legítimo pensar que a crença neste tipo de influências do além se apóia numa falta de confiança fundamental no inconsciente?

Ainda que pareça um contrasenso, a superstição pode servir a uma espécie de incredença. Segundo Octave Mannoni, o cético desmente sua crença depositando-a nos crédulos. Aqui é antes a manifestação da credence que desmente o saber inconsciente do supersticioso. O "credo"

vem ao lugar do significante do desejo que se manifestara durante a análise, e sua função consiste em poupar o crente de assumir a responsabilidade pelo seu inconsciente. Como se no momento do *che vuoi?* o interpelado delegasse a resposta no orixá de plantão.

Mannoni nos ensinou a reconhecer o desmentido, *Verleugnung*, com aquela fórmula impagável: *je sais bien, mais quand même* que, para todos os efeitos, proponho traduzir como: *no creo en brujas, pero que las hay, las hay*. Ouvi de um paciente uma variação desta fórmula que vem à calhar para o que tento dizer: “Eu sei, porém não creio”. Expressão que lembra esta outra, cuja impossibilidade discute Recanati¹, *the cat is on the mat but I don't believe it*, “o gato está na almofada mas eu não acredito”.

Este uso da crença para desmentir um saber adquire no Brasil uma cor local particularmente chamativa e cheia de conseqüências para nossa prática. Como ilustração, queria relatar como me tocou resolver um sério conflito de colegas meus, o dia da mudança para a sala que alugamos juntos na avenida Paulista. Meu primeiro consultório no Brasil. Eles estavam constrangidos porque encontraram na porta de entrada da que seria nossa sala de espera, uma perna de carneiro em miniatura. Constrangidos, digo, porque ao passo que não lhes parecia condizente com seu status profissional preservar semelhante amuleto, não se atreviam a tirá-lo de lá. A solução encontrada, digamos: “de compromisso”, foi pedir ao gringo aqui, que não devia estar à par dos tabus locais, que desse cabo do amuleto e carregasse com o azar que pudesse vir decorrente da heresia.

1 RECANATI F. *La transparencia y la enunciación*

Este exercício da credulidade, traço cultural brasileiro inegável, acoberta na realidade uma forma insidiosa da incrença. Esta incrença não se manifesta na certeza de um delírio, nem se torna uma profissão de fé atéia. Todavia, tais manifestações mais ou menos envergonhadas de credence são correlativas dos momentos em que algum avatar do discurso toca na divisão do sujeito, e sua função, na minha opinião, consiste em suturar o sujeito a si próprio.

O simpático discurso paralelo e extra-oficial, baseado no sincretismo religioso afro-brasileiro, pede para ser tolerado junto ao outro para melhor neutralizá-lo é a boa e velha recusa da castração de que Freud falava quando falava em desmentido. Não se trata, insisto, da crença que revela a divisão subjetiva senão de todo o contrário. Trata-se do *descrédito do sujeito da enunciação*, favorecido culturalmente, e cuja função é precisamente eliminar a divisão do sujeito, roubando dele precisamente o lugar a partir do qual poderia assumir a responsabilidade pelos seus atos.

Vocês dirão que esta credulidade enrustida nada mais é que a própria expressão da divisão subjetiva e, portanto, exprime o funcionamento universal da estrutura. Eu concordo, apenas acrescento: não é apenas isso. Tenho comprovado que o uso que nossos analisandos fazem da sua crença lhes serve para desincumbir-se desta divisão, no momento de sua revelação durante a análise. Este uso independe de raça, cor, religião, grau de instrução ou status social. A guisa de ilustração queria lhes falar de uma jovem mulher que se analisou comigo durante um certo período.

Judia e brasileira de terceira geração, universitária, da classe alta. Ela tinha se confiado à ciência para tratar uma esterilidade tão inexplicável quanto injustificada. Engravidou depois de eu lhe ter proibido terminantemente dar prosseguimento à série de exames e tratamentos que vinha realizando inutilmente, poderíamos dizer, com esterilidade, até então.

Na época de minha intervenção, a vida sexual do casal estava em frangalhos. Inteiramente programada e controlada (datas, frequência, posição, temperatura do útero, etc.), pelo saber científico primeiro, pelo saber religioso, depois e pelo saber mágico, no fim. Nem precisa dizer que tais coitos supervisionados pelo olho do Outro não obtiveram qualquer resultado no sentido do produto esperado. Enquanto o rebento não chegava, porém, a mulher se dedicou a desenvolver uma suposta condição mediúnica que lhe fora anunciada, como a Macbeth seu destino, por uma mãe de santo, num dos terreiros que passou a frequentar. Sem abandonar os especialistas médicos, que ela ia trocando assim que os tratamentos recomendados por eles caíam sob suspeição, dedicou-se com afinco a realizar os mais complicados rituais de umbanda com o intuito de predispor melhor os espíritos e neutralizar as energias negativas dos trabalhos que teriam sido feitos contra ela pelos invejosos de sempre.

Enquanto isso, a análise prosseguia. Conforme a maré transferencial mudava, eu passava de suspeito de incompetência a reles impostor e viceversa. Em nenhum momento, contudo, as práticas religiosas e os exercícios mágicos abalaram sua "convicção" na ciência, na psicanálise e na existência do único Deus de seus ancestrais. "Uma

coisa", segundo ela, "nada tinha a ver com a outra". Tudo teria continuado assim se um dia eu não tivesse dito: chega!

Mandei ela parar de freqüentar o terreiro; dispensar seus alopatas, homeopatas, bioenergetistas, acupontores, astrólogos, exorcistas, pais de santo e sugeri que interrompesse as rezas, rituais e tratamentos contra a esterilidade. Após esta intervenção exasperada ela engravidou no termo de dois meses. E deixou meu consultório, para nunca mais voltar, quando o tamanho da sua barriga lhe impedia já deslocar-se para as sessões. Soube que teve um filho e que se tornou uma mãe dedicada.